

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUISA FILHO”

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

COMUNICAÇÃO SOCIAL: JORNALISMO

Gabriela Silva de Carvalho

DOCUMENTÁRIO: A FAVELA INSPIRA

ACESSO À CULTURA E PRODUÇÃO CULTURAL NO JARDIM NICÉIA

Bauru – SP

2018

Gabriela Silva de Carvalho

A Favela Inspira

Acesso à cultura e produção cultural no Jardim Nicéia

Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador do Projeto Experimental: Profº. Drº. Maximiliano Martin Vicente.

Bauru – SP

2018

Gabriela Silva de Carvalho

A Favela Inspira

Acesso à cultura e produção cultural no Jardim Nicéia

Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador do Projeto Experimental: Profº. Drº. Maximiliano Martin Vicente.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Associado. Maximiliano Martin Vicente

Prof. Dr. Angelo Sottovia Aranha

Prof. Me. Juliano Ferreira de Sousa

Agradecimentos

Deposito aqui toda a minha gratidão e amor por todos os esforços realizados pela minha mãe e meu irmão, Lourdes e Thiago, que, desde sempre, me incentivaram a persistir nos meus sonhos e no que eu almejava como carreira. Agradeço também a toda a minha família, por ter me criado em um contexto de profissionais da educação, com os quais sempre tive abertura para questionar e debater sobre um ensino libertador.

Agradeço a todas as jornalistas mulheres que resistiram e persistiram na luta diária de se fazer presente nos espaços antes dominados pela figura masculina.

Agradeço ao meu orientador Maximiliano Martin Vicente, que representou para mim a esperança no debate produzido em sala de aula. Agradeço ao professor Juliano Ferreira de Sousa, que além de compartilhar tanto conhecimento, despertou em mim o interesse pelo audiovisual e tantas vezes reavivou minha paixão pela comunicação. Agradeço ao docente Angelo Sottovia Aranha por orientar o projeto de extensão Voz do Nicéia e me proporcionar ser uma pessoa muito mais sensível no tato com as pessoas e cada vez mais convicta sobre o poder do jornalismo comunitário.

E agradeço imensamente a todos que já fizeram parte do jornal Voz do Nicéia e a todos os moradores do Jardim Nicéia que, de alguma forma, me tocaram no decorrer desses quatro anos de graduação.

Resumo

Esse Trabalho de Conclusão de Curso busca compreender o contexto e os fatos que cercam a realidade do Jardim Nicéia, bairro socioeconomicamente periférico de Bauru, apresentando como a questão do acesso à cultura é vivenciada naquele ambiente por meio de um documentário. Para isso, pretende-se apresentar a realidade dos moradores relacionando a falta de estrutura do local, a ausência de políticas públicas que proporcionem acesso ao lazer para essa população e, ao mesmo tempo, a própria produção cultural existente no bairro. O produto foi realizado de forma colaborativa com os moradores, exercendo, assim, a função de instrumento de mobilização social do audiovisual. Os autores que fundamentam a proposta são Sérgio Puccini, Consuelo Lins, Cláudia Mesquita, Vanessa Zandonade, Maria Cristina de Jesus Fagundes, Luiz Cesar de Queiroz e Cecília Maria Krohling Peruzzo.

Palavras-chave: jornalismo; periferia; cultura; Jardim Nicéia; documentário.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. Fundamentação teórica.....	8
2.1. A realidade do Jardim Nicéia	8
2.2. Gênero e formato.....	10
2.3. A produção colaborativa.....	12
3. Planejamento do produto jornalístico.....	14
3.1. Técnicas jornalísticas empregadas.....	15
4. Metodologia de execução.....	15
4.1. Descrição das atividades.....	16
4.2. Descrição técnica.....	19
4.3. Descrição do produto.....	20
5. Considerações finais.....	21
6. Bibliografia.....	23
7. Filmografia.....	24
8. Anexos.....	25

1. Introdução

O relatório composto nas páginas a seguir complementa o projeto experimental *A Favela Inspira* realizado como trabalho de conclusão de curso. Apresentando as motivações para concretizar tal produto, a fundamentação teórica, a metodologia executada, o planejamento e o desenvolvimento do documentário, busco explicar e justificar a produção deste projeto.

O produto audiovisual busca retratar o acesso à cultura e a própria produção cultural local e identitária que o Jardim Nicéia carrega. Para isso, parte-se do princípio de que a comunidade localizada na cidade de Bauru enfrenta empecilhos em relação à questão geográfica, socioeconômica e social, podendo ser caracterizada como uma região periférica.

A motivação para a elaboração e desenvolvimento da ideia partiu de uma relação profissional e até mesmo pessoal com os residentes do bairro. Como membro do projeto de extensão Voz do Nicéia, que consiste em um jornal comunitário, pude ter o contato com a realidade e as demandas dos moradores. Assim, a escolha do tema pode ser facilmente justificada pela vivência e proximidade afetiva adquirida com a comunidade.

Outro ponto é que, como um jornal comunitário, o Voz do Nicéia atua com pautas mais urgentes que rodeiam o dia a dia da comunidade. Sendo assim, a questão do acesso ao lazer e à cultura acaba sendo ofuscada pelas questões de saneamento, transporte e até mesmo as relativas à regularização do bairro. Entretanto, durante esses anos como repórter e coordenadora de eventos do jornal, pude notar a diversidade cultural presente no bairro, fato que colaborou para o recorte desse trabalho.

A partir disso, o principal objetivo dessa produção audiovisual é mostrar as particularidades culturais do Jardim Nicéia, assim como a dificuldade dos moradores para ocuparem espaços de lazer na própria cidade por consequência da falta de acesso inclusivo para pessoas que moram em regiões periféricas, e até mesmo a ausência de políticas públicas para viabilizar tal fato. Além disso, como instrumento jornalístico, outro propósito desse produto é ampliar a voz das pessoas que vivenciam essa realidade.

Acredita-se que o documentário possa causar identificação e, para que houvesse uma maior responsabilidade e cuidado na sua produção, esse projeto foi executado de forma colaborativa, recebendo contribuições de filmagens, gravações e entrevistas. Essa é uma forma de reconhecer que tais vivências não são meu lugar de fala e, exatamente por isso, quem dá vida a esse documentário são os personagens reais do Jardim Nicéia. Há, assim, uma metalinguagem

inserida na realização. Ao mesmo tempo em que se fala do acesso à cultura, os moradores estão produzindo um material cultural.

Portanto, esse projeto experimental consiste em um instrumento de personificação e identificação do que é morar em uma periferia e procurar opções de lazer. E, ao mesmo tempo, visa valorizar a arte produzida na comunidade do Jardim Nicéia, uma vez que essa própria cultura compõe e constrói a narrativa do documentário.

2. Fundamentação teórica

Para justificar o gênero e formato escolhido, assim como o conceito do produto, sua forma de produção e as técnicas jornalísticas empregadas, recorro às referências bibliográficas, audiovisuais e até mesmo à história e identidade do próprio Jardim Nicéia.

2.1. A realidade do Jardim Nicéia

O panorama socioeconômico brasileiro apresenta inúmeros posicionamentos que acabam deixando muitas realidades e individualidades à margem do que é prioridade para o Estado. A partir disso, podemos compreender a vivência periférica como uma questão que já é naturalmente deixada de lado e, em cada comunidade, podemos notar as particularidades que evidenciam mais ainda a ausência do poder público. Portanto, apresento o bairro analisado a partir do meu conhecimento adquirido enquanto membro do Jornal Voz do Nicéia, durante os anos de 2015 a 2018, e dos dados encontrados no site do veículo.

Formado por seis ruas, uma praça e inúmeros indivíduos, o Jardim Nicéia, bairro periférico da cidade de Bauru, carrega uma mesma cultura e identidade: a de luta! Desde 1970, o bairro se construiu e acolheu muitas pessoas e famílias que buscavam, por meio da ocupação, o direito à moradia. Entretanto, o local enfrentava um obstáculo que era a falta de legalização do território ocupado. O fato poderia ter sido resolvido por meio da Lei do Usucapião, que permite a regularização de locais ocupados há mais de 5 anos, mas se tornou ainda mais complicado por se tratar de uma região particular. Além de tudo, houve uma disputa judicial entre duas famílias, Madureira e Pereira, que alegavam ter o direito das terras.

Diante desse cenário, o bairro continua atrás do processo de legalização e de melhorias. Tendo participado de projetos como o Cidade Legal, que busca implementar, agilizar e

desburocratizar os processos de regularização de habitações, o Jardim Nicéia já adquiriu diversas conquistas, embora ainda haja muitas questões a serem alcançadas.

Essa é a realidade que une o bairro. Os moradores, com seu jeito simples, comemoram cada situação precária deixada para trás e cada avanço no seu espaço, o qual é formado por famílias com o mesmo objetivo: a casa própria e regularizada. Além disso, nota-se a ausência do estímulo à cultura no ambiente. Apesar de ter seu próprio conteúdo cultural, o qual faz parte da identidade do bairro, a população não é estimulada culturalmente. Há uma defasagem no acesso e estímulo à produção de cultura. Além, é claro, da existência do fator geográfico. Por estar em uma região periférica, a população do bairro tem empecilhos de transporte para ter acesso ao lazer e a espaços culturais.

Para Luiz Cesar de Queiroz Ribeiro (2004), essa falta de estrutura social, urbana e cultural abrange as pessoas menos favorecidas e com menores condições financeiras.

Alguns dados sobre a realidade brasileira nos dão uma ideia da marginalização urbana. Cerca de 9% da população metropolitana mora em setores onde prevalece forte ou extrema precariedade em termos de serviços de saneamento básico. São 6 milhões de pessoas vivendo à margem dos padrões mínimos de acesso a água, esgoto e coleta de lixo. (RIBEIRO, 2004)

Dessa forma, compreendemos que a injustiça urbana começa com uma questão geográfica. As regiões periféricas não têm o suporte que há nas regiões centrais. Assim, essa questão habitacional dificulta diferentes formas de acesso. Segundo Ribeiro (2004), “a segregação e a exclusão habitacional produzem espaços nos quais se verifica a acumulação de desvantagens sociais”.

Diante disso, podemos identificar como a postura política do Estado afeta essa realidade. O posicionamento neoliberal, criticado por Santos (2016), traz a possibilidade de empresas controlarem o que deveria ser do poder público. Assim, muitas das questões de melhoria do Jardim Nicéia dependem de empresas que controlam questões básicas de acesso, como é o caso da luz, energia elétrica, rede de esgoto e transporte coletivo. Além da saúde e da educação, que deixam os moradores à mercê do acaso ou dependentes de serviços particulares. Ou seja, o neoliberalismo traz a possibilidade do poder público se esquivar de suas obrigações, deixando-as nas mãos de empresas privatizadas.

Devemos nos lembrar de que o papel do Estado é suprir o bem-estar social, e enquanto houver um grupo desfavorecido, não há bem-estar. O neoliberalismo atende as classes mais

favorecidas e deixa de lado as necessidades e desejos que as classes mais baixas, muitas vezes, nem percebem que têm. No meio científico, essa demanda é atendida pelo posicionamento da epistemologia do sul – teoria elucidada por Santos (2016) – a qual busca a valorização cultural de cada identidade e de cada vivência, além de dar voz a quem não tem. Porém, a epistemologia do norte, que é apoiada na privatização, no neoliberalismo e no capitalismo tem mais espaço.

Diante de tal realidade, esse projeto tem o intuito de dar espaço à epistemologia do sul na prática, uma vez que ela preza pela conquista de espaço e voz, gerando novas ações políticas e econômicas. A teoria da ecologia dos saberes entra para procurar esse equilíbrio entre as teorias e visões para que, assim, possamos, aos poucos, ouvir diferentes realidades e buscar formas de alterá-las. Para isso, é importante desconstruir o pensamento abissal.

A linha abissal é uma imagem fundadora da proposta epistemológica e política apresentada neste dossiê e assenta na ideia de que uma linha radical impede a copresença do universo ‘deste lado da linha’ com o universo ‘do outro lado da linha’. Do lado de lá, não estão os excluídos, mas os seres sub-humanos não candidatos à inclusão social. A negação dessa humanidade é essencial à constituição da modernidade, uma vez que é condição para que o lado de cá possa afirmar a sua universalidade. Assim, práticas que não se encaixam nas teorias não põem em causa essas teorias e práticas desumanas não põem em causa os princípios da humanidade. (SANTOS, 2016, p. 16)

Podemos dizer que projetos e políticas heterodoxas que atendam a epistemologia do sul são o caminho para o acesso à cultura no bairro Jardim Nicéia. Assim, ocorreria uma forma assistencial de suprir e incentivar a produção de cultura local, que já é existente. Portanto, o intuito desse produto foi proporcionar um estímulo aos próprios moradores do bairro a partir do momento em que se cria visibilidade a essa realidade. Por meio do audiovisual, tentei abordar tanto a realidade política – que acarreta tal cenário, mostrando a falta de políticas públicas que permeiem o acesso à cultura para pessoas periféricas – quanto apresentar as particularidades dos moradores.

2.2. Gênero e Formato

Um dos objetos de estudo é a própria cultura do bairro, a qual é fortemente expressada por meio da música. Exatamente por isso é que o formato documentário foi escolhido, uma vez que ele é capaz de dar voz, mostrar realidades, sensações e o que, muitas vezes, não é enxergado. O documentário permite que um determinado tema seja visto por qualquer pessoa, mesmo que cada um tenha sua bagagem própria de referências e absorva o conteúdo de um jeito pessoal.

Outro ponto é que o audiovisual traz uma legitimidade sobre o que se está falando. Afinal, faz com que o público compreenda, absorva e interprete realidades:

Ao mesmo tempo, com a deterioração das formas de representação política e de reconhecimento social tradicionais, a imagem televisiva se tornou um dos meios mais potentes de legitimação, onde basta aparecer para existir. Esses dois aspectos centrais da cultura midiática contemporânea –, produzem situações insólitas, como se vê em muitos documentários recentes. Indivíduos desprovidos de uma educação mais formal revelam consciência notável a respeito de sua imagem pública, exibem sabedoria intuitiva do que pode “funcionar” em uma entrevista, às vezes captam na pergunta os aspectos implícitos que apontam para a resposta “certa”, de modo a conquistar segundos de visibilidade. (LINS; MESQUITA, 2008, p. 45)

Assim, com o audiovisual, fica mais fácil um entrevistado transmitir o que ele espera que seja visto. A partir do audiovisual, há uma maior efetivação do ato de dar a voz a uma realidade, a uma religião, a uma classe social, a um grupo de profissionais ou a uma comunidade, como é o caso do Jardim Nicéia.

Esse formato também reúne diferentes linguagens, podendo, assim, alcançar uma quantidade maior de pessoas. Além, é claro, de proporcionar uma absorção de informação rápida, o que pode gerar emoções com maior facilidade e fazer com que o público se sinta parte daquilo. Isso é pontuado, também, por estudiosas do documentário como ferramenta de ação:

Ao contrário do que é veiculado no sistema comercial, a televisão pública vem ao encontro dos objetivos do vídeo documentário, no caráter mobilizador e participativo da comunidade. Nela, assim como no vídeo documentário, há a valorização dos relatos em que se traduzem as culturas populares comuns ao local retratado. (ZANDONADE; FAGUNDES, 2003, p.42)

Pode-se dizer, que o formato audiovisual tem potencial para alterar a realidade envolvida, já que proporciona uma identificação com o que é retratado. Com esse alcance, há a possibilidade de modificação do espaço: “O vídeo documentário, além de valorizar os fatos individuais e peculiares com a valorização das diferenças destacadas por Machado, ainda tem uma linguagem mais aprofundada sobre os temas apresentados e, portanto, pode ser um veículo de impulsão para o desenvolvimento cultural”, segundo Zandonade e Fagundes (2003, p.40).

Os gêneros abordados nessa produção serão o informativo, o poético e o colaborativo, já que o intuito é retratar a situação do bairro de maneira a informar o que ocorre, dar espaço para que os moradores compartilhem suas próprias filmagens e, também, abordar tal realidade de uma forma sensível que ocasione reflexão.

Segundo Bill Nichols (2010, p.138), “o modo poético é particularmente hábil em possibilitar formas alternativas de conhecimento para transferir informações diretamente, dar prosseguimento a um argumento ou ponto de vista específico ou apresentar proposições sobre

problemas que necessitam solução”. Dessa forma, tal estilo está presente no documentário para facilitar uma fluidez sensível a respeito do que é a identidade do bairro. As cenas e *inserts* da praça central do Jardim Nicéia buscam dar esse prosseguimento mencionado por Nichols (2010).

Já as entrevistas presentes no produto, tanto com os agentes culturais do bairro, quanto com as autoridades, como o secretário de cultura e o prefeito da cidade, têm um conteúdo informativo que molda o documentário. Essa lógica informativa apoiada pela linguagem verbal é o que Nichols chama de modo expositivo (2010, p.142). Nele, ocorre a presença de fragmentos de uma realidade em uma estrutura argumentativa e explicativa.

Além disso, a produção colaborativa condiz com o objetivo da escolha do próprio formato, com o objetivo de ampliar a voz aos moradores do Jardim Nicéia. Esse foco é evidenciado não só pela possibilidade de os entrevistados falarem o que querem que seja ouvido, mas, também, pela chance de produzirem o que deve ser visto sobre a realidade em que estão inseridos.

Dar voz a esse ‘outro’ desconhecido torna-se questão importante para os cineastas, e a entrevista – possibilitada pelo advento das técnicas de gravação de som direto – torna-se um procedimento privilegiado. A ‘voz do povo’ faz-se, portanto, presente, mas ela não é ainda o elemento central, sendo mobilizada sobretudo na obtenção de informações que apoiam os documentaristas na estruturação de um argumento sobre a situação real focalizada. (LINS; MESQUITA, 2008, p. 21)

Ou seja, a informação vinda do entrevistado é a base da estruturação do que o documentarista imagina. Sendo assim, essa voz do outro é o que transforma a ideia em um produto informativo e que mostra de forma poética uma determinada realidade.

2.3. A produção colaborativa

O principal objetivo desse documentário é proporcionar visibilidade para a realidade periférica, dando voz aos protagonistas do contexto e valorizando a identidade deles. Para isso, a forma com que a mensagem é transmitida visa trazer representatividade para os moradores do Jardim Nicéia e para outros cidadãos de áreas periféricas que se identifiquem com a situação do bairro. Dessa forma, para que não houvesse um recorte de fora dessa vivência, o projeto foi desenvolvido a partir do que eles identificaram como importante para retratar esse contexto.

Quando se fala em documentário contemporâneo, essa categoria vem sendo uma tendência para que os próprios sujeitos retratem o seu ambiente.

Ainda que nem sempre chegue à tela grande do cinema, há na atualidade uma série de experimentos (de modo geral através de oficinas de formatação audiovisual) que têm como objetivo permitir e estimular a elaboração de representações de si pelos próprios sujeitos da experiência, aqueles que eram – e são ainda – os objetos clássicos dos documentários convencionais, indivíduos de um modo geral apartados (por sua situação social) dos meios de produção e difusão de imagens. (LINS; MESQUITA, 2008, p. 38)

Esse foi, inclusive, o formato usado por Paulo Sacramento no longa *O prisioneiro da grade de ferro*, de 2003. Promovendo oficinas de vídeo para os detentos do Carandiru, a produção coloca esses personagens como agentes do ambiente deles e protagonistas em relação à própria criação do documentário. Tudo o que é apresentado representa um recorte feito pelos próprios presidiários, é claramente o que eles enxergam como a realidade deles.

Esse é, portanto, o foco do documentário *A Favela Inspira*. É mobilizar a própria comunidade para apresentar ao outro o que é a cultura no Jardim Nicéia. Para Zandonade e Fagundes (2003, p.43), “a importância do vídeo documentário enquanto mobilizador da sociedade, desenvolvido a partir da contextualização dos fatos, está evidenciado na valorização do aspecto pessoal, em que os indivíduos se fortalecem e depositam seus ideais e sonhos na expectativa de realizações próprias”.

A partir desse contexto, o audiovisual passa a ser um instrumento de mobilização social para os moradores atuantes na execução do documentário. E, por si só, essa participação já resulta em uma nova produção cultural característica do Jardim Nicéia. A iniciativa também desencadeia fluxos de multiprocessos que são divididos de forma colaborativa.

Para Santos (2018, p.3), “os subsistemas e essa dialogia – entre roteiro, direção de arte, direção de fotografia, cenografia, figurino, atores, direção, montagem, e trilha sonora. – ocorre em torno dessa ideia-chave. Essa nucleação em torno de uma ideia que move a organização é o fechamento do sistema”. Assim, a autoria colaborativa no cinema reúne diferentes atuações que compõem uma ideia formada colocada em ação por diferentes núcleos.

No caso de *A Favela Inspira*, o sistema é a apresentação de como é o acesso à cultura e a produção cultural no Jardim Nicéia, e os núcleos são caracterizados pelas atuações de cada morador que colaborou para a produção, seja com as entrevistas, a trilha sonora, as filmagens ou a edição e seleção das cenas.

3. Planejamento do produto jornalístico

A ideia principal do documentário é retratar o acesso à cultura na comunidade do Jardim Nicéia e, além disso, dar visibilidade para o real que, geralmente, passa despercebido ou não recebe atenção. Portanto, como o objetivo é fazer com que os moradores se sintam vistos, são eles mesmo que constituem o público-alvo dessa produção, assim como a identificação de pessoas que moram em outras regiões periféricas.

O público está no bairro, portanto, a ideia é que esse produto seja divulgado para o próprio Jardim Nicéia. Para isso, pretende-se realizar um evento para a estreia desse conteúdo audiovisual, promovendo a integração e o sentimento de realização entre os moradores. O intuito é dar um retorno para eles de uma forma que gere engajamento cultural.

Além disso, como um produto jornalístico, o documentário apresenta uma denúncia sobre a escassez de acesso. E, para contestar tal situação, recorre-se às entrevistas com autoridades sobre a questão cultural, para deixar clara a ausência de políticas públicas voltadas ao lazer das periferias. Dessa forma, há a vivência da prática jornalística não apenas pela denúncia, mas, também, por se mostrar uma realidade e identidade deixada de lado.

Esse é, inclusive, um ponto ressaltado pelas autoras Vanessa Zandonade e Maria Cristina de Jesus Fagundes (2003):

O documentário deve promover a integração entre os membros da comunidade retratada e desenvolver a cooperação entre eles, de forma a enriquecer os conhecimentos individuais e coletivos. Possibilita ainda ao jornalista especializado no gênero, a oportunidade de dedicar-se aos fatos do cotidiano, os quais envolvem todos os tipos de pessoas, independente da raça, cor, religião, ou posição social que exercem e não considerar os “furos” de reportagem como prioridade de produção. (ZANDONADE; FAGUNDES, 2003, p.41)

Assim sendo, o produto se torna relevante a partir do momento em que relaciona a vivência da população do bairro de forma ativa e colaborativa e, ao mesmo tempo, reforça a prática jornalística de denúncia de fatos do dia a dia por meio do audiovisual.

Retratar outras experiências sociais tem sido um dos enfoques dos documentários contemporâneos, segundo Consuelo Lins e Cláudia Mesquita (2008). Em muitos, seus autores procuram enfrentar diretamente a realidade política e, eventualmente, proporciona novas reflexões. E esse acaba sendo, também, o direcionamento do *A Favela Inspira*.

“Se nos anos posteriores à ditadura as imagens televisivas continuaram mostrando um Brasil harmonioso, rico, branco, saudável, higienizado, em imagens estáveis, enquadradas, de boa qualidade, coube ao documentário se voltar para grupos urbanos até então praticamente invisíveis nesta produção audiovisual: a população carcerária,

os moradores de rua e de favelas, pivetes e mendigos, prostitutas, trabalhadores do lixo.” (LINS; MESQUITA, 2008, p. 44)

Os novos documentários vêm procurando confrontar diálogos estabelecidos e apresentar novas realidades. Portanto, o audiovisual acaba sendo uma ferramenta jornalística para mostrar o que é ignorado pela sociedade ou pelas demandas econômicas prioritárias; ou até mesmo, o que acaba sendo maquiado para não ser evidenciado como um problema social. Assim, o audiovisual traz aos olhos não o que é do interesse do público, mas o que é de interesse público e de responsabilidade do Estado, como é o caso da questão do acesso e incentivo cultural no Jardim Nicéia.

3.1 Técnicas jornalísticas empregadas

Diante da proposta do documentário, foram utilizadas inúmeras técnicas jornalísticas, desde a aproximação com as fontes, bem como a apuração e um estudo da questão cultural no ambiente. As entrevistas são a personificação da atividade jornalística na produção do projeto, além do processo de seleção de cenas, construção da narrativa e edição do vídeo.

4. Metodologia de Execução

Por ser um trabalho no qual o foco é o envolvimento e o retorno para o objeto de estudo, a principal metodologia abordada foi a pesquisa-ação. Nela, pode-se encontrar como objetivo principal o retorno para o objeto estudado, fato que se relaciona diretamente com o intuito de realizar um produto que faça com que os moradores se reconheçam e se sejam vistos.

Para isso, alguns processos foram executados para gerar esse envolvimento com o bairro e, conseqüentemente, uma mudança no ambiente. A princípio, busquei um aprofundamento teórico e estético sobre esse tipo de documentário por meio de leituras e referências. Outro ponto foi a aproximação com os moradores, a qual foi sendo feita com a ideia de inseri-los na prática do projeto, desde a sugestão de ideias até à realização de filmagens. Além disso, foram essenciais entrevistas com autoridades, com moradores e filmagens de eventos culturais do próprio bairro e a tentativa de ocupar opções de lazer fora dele.

Com esse intuito, a pesquisa-ação contemplou a necessidade de inserir o público-alvo e, também, de dar um retorno a esse ambiente para que o projeto não se restrinja ao meio acadêmico. Segundo Peruzzo (2006, p.143), nessa metodologia, “o grupo não apenas sabe que

está sendo investigado, mas também conhece os objetivos da pesquisa e participa dos processos de sua realização. Os resultados – e o próprio processo de pesquisa – reverterem em benefício do grupo”.

Dessa forma, todo o procedimento para a realização do documentário buscou não só realizar uma produção acadêmica, mas, sim, contribuir para que haja uma melhoria para o bairro, a qual se consiste na identificação dos moradores com uma produção cultural.

4.1. Descrição das atividades

A ideia desse produto experimental começou a ser elaborada a partir do momento em que me propus a compor uma bibliografia que representasse o objetivo do documentário. Mas as ações para a realização se fizeram presentes no evento *Mostre Seu Talento*, realizado no bairro pelo jornal Voz do Nicéia em 22 de abril de 2018. Foi durante o evento que se iniciou o *A Favela Inspira*. Antes mesmo de ganhar um nome, as filmagens ganharam um destino.

Na tarde daquele dia, houve apresentações tanto de artistas do bairro, quanto de atrações da cidade. E, além de iniciar as filmagens de um momento de lazer e de produção cultural do Jardim Nicéia, também peguei o contato dos moradores que se apresentaram e comentei sobre a proposta que tinha em mente. Fernando de Abreu e Silva, Marcos Vinícius da Silva, Rafael da Silva Fernandes e Luis Henrique da Silva. Todos os quatro se mostraram dispostos a colaborar com a iniciativa.

A princípio, cogitei realizar um pré-roteiro para o documentário. Entretanto, sustentei a ideia de que isso poderia “cegar” a própria produção, uma vez que eu não sabia o que encontraria e o que os moradores iriam achar importante mostrar. Para Sérgio Puccini (2010, p.25), “na etapa de pré-produção, a impossibilidade da escrita de um roteiro fechado, detalhado cena a cena, para filmes documentários ocorre em virtude do assunto ou da forma de tratamento escolhida para sua abordagem”.

No decorrer dos meses, continuei filmando as ações realizadas pelo Voz do Nicéia, como o *Copa Verde e Amarela*, evento organizado com o intuito de pintar o bairro para a Copa do Mundo de 2018, e os levantamentos de pauta do jornal. Cheguei a encontrar alguns dos moradores e enfatizar a proposta de realizar uma produção colaborativa e, embora a reação fosse positiva, não sabia o que de fato se desenvolveria dessa ideia.

Como notou Jean-Claude Bernardet: ‘O documentarista determina um projeto, sabe de onde parte, sabe o que gostaria de alcançar, mas não pode prever os resultados a que chegará nem o percurso que terá de cumprir’. As entrevistas são presentes, mas têm seu uso deslocado e não reproduzem a tradicional dicotomia sujeito-objeto: são instrumento para obtenção de informações no processo concreto de pesquisa e busca empreendido pelos realizadores. (LINS; MESQUITA, 2008, p. 52)

Embora não visualizasse possibilidade de resultados, a única perspectiva era a de que, mesmo sendo um produto audiovisual, a estética não seria o ponto primordial, uma vez que receberia material vindo de aparelhos tecnológicos mais genéricos como filmagens e áudios de celulares por meio dos moradores do bairro.

As entrevistas tiveram início do mês de julho, assim como o processo de envolvimento, que já existia por consequência de eu fazer parte do Voz do Nicéia desde 2015. Ao confirmar as entrevistas com os moradores, fui enfatizando a possibilidade de que me enviassem material do que achassem que é a cultura no bairro e quais são os obstáculos enfrentados quando se trata de ocupar espaços culturais. Entretanto, não obtive retorno. O ambiente das filmagens foi decidido pelos próprios moradores, alguns preferiram o espaço de sua casa e, outros, se sentiram mais à vontade na praça, por exemplo.

A cada visita ao bairro, no mês de julho, realizei uma das entrevistas. E, após esses primeiros encontros, já notei maior engajamento e animação dos moradores referentes à produção. Depois disso, comecei a receber materiais: Luis Henrique me enviou um vídeo mostrando a falta de transporte para os moradores do bairro e questionando a ida a procura de lazer, sendo que até para trabalhar se tem essa dificuldade; Rafael da Silva Fernandes enviou algumas de suas músicas gravadas e sugeriu algumas para serem incluídas no documentário; Fernando de Abreu e Silva se mostrou interessado em auxiliar na produção. Esse foi o início da mobilização dos moradores:

A importância do vídeo documentário enquanto mobilizador da sociedade, desenvolvido a partir da contextualização dos fatos, está evidenciado na valorização do aspecto pessoal, em que os indivíduos se fortalecem e depositam seus ideais e sonhos na expectativa de realizações próprias. (ZANDONADE; FAGUNDES, 2003, p.43)

Em seguida, realizei a entrevista com o prefeito Clodoaldo Gazzetta em um dia em que o Voz do Nicéia já havia agendado um horário com o político. No mesmo dia, consegui o contato do secretário de cultura, Luiz Antônio Fonseca, e agendei uma data para a entrevista dos moradores do Jardim Nicéia.

Um dos motivos para colocar em prática um trabalho colaborativo foi a necessidade de um recorte que pertencia à realidade apresentada. O meu olhar não iria bastar, nem seria

representativo para a proposta, uma vez que não vivo a realidade do Jardim Nicéia e tenho privilégios por ser uma estudante de classe média. Por isso, os recortes para marcar uma apropriação do real não poderiam vir de mim. Segundo Puccini (2010, p.15), essa “apropriação do real” vem de uma consciência subjetiva do processo criativo do cineasta, mas que, nesse caso, teria que vir dos moradores da comunidade.

Portanto, cheguei à conclusão de que não faria sentido se eu fizesse a entrevista com o secretário de cultura. Afinal, é necessário que se viva tal realidade para saber questioná-la. Dessa forma, convidei os moradores engajados no projeto para executar a entrevista. No dia, Fernando quem representou as demandas e necessidades do bairro.

Após a captação de imagens, iniciei a seleção das cenas, tentando encontrar uma linha de raciocínio que explicitasse o objetivo do produto.

A atividade de roteirização em documentário é a marca desse esforço de aquisição de controle de um universo externo, da remodelagem de um real nem sempre preñado de sentido. Roteirizar significa recortar, selecionar e estruturar eventos dentro de uma ordem que necessariamente encontrará seu começo e seu fim. O processo de seleção se inicia já na escolha do tema, desse pedaço de mundo a ser investigado e trabalhado na forma de um filme documentário. (PUCCINI, 2010, p.16)

Para encontrar essa “ordem necessária”, propus uma narrativa que contasse a história da cultura no Jardim Nicéia. Assim como Sérgio Puccini (2010, p.16) acredita, o documentário se “resolve” durante a etapa de pós-produção: “nessa etapa, de pós-produção do filme, é comum recorrer-se à escrita de um roteiro que oriente a montagem. Esse roteiro será resultado de um trabalho de decupagem do material bruto de filmagem e terá sua função voltada para orientar não mais o diretor, atores ou produtor, mas unicamente o montador ou editor do filme”.

Portanto, foi nesse momento de pós-produção que separei o produto em quatro blocos a serem entrelaçados. O primeiro abordando a problemática em torno do acesso à cultura do bairro, o segundo mostrando como é o lazer dos moradores, o terceiro falando sobre a ausência de incentivo cultural e políticas públicas vindas das autoridades governamentais e o quarto bloco mostrando as saídas para lidar com essa realidade do bairro e como as próprias pessoas que moram no Nicéia acabam se mobilizando.

Além disso, a palavra dos moradores foi de grande relevância nesse procedimento. Logo após as entrevistas, alguns deles já foram enfatizando quais falas ou quais assuntos achavam necessário estar presente no produto final. E isso por si só já foi compondo uma “exposição retórica” (Puccini, 2010, p.24) no discurso narrativo do documentário, ou seja, a seleção de cenas dos moradores acabou conduzindo a estratégia narrativa.

O processo de edição consistiu em cortes das cenas em cada um de seus blocos para elaborar a linha de raciocínio proposta. Dessa forma, eu realizei toda a montagem da narrativa no software Adobe Premiere CC e, logo em seguida, recebi ajuda em relação a passagens de cenas, transições e reparação de áudio. João Paulo de Oliveira, aluno de Rádio e TV na Unesp Bauru, me auxiliou na parte técnica de edição.

A estrutura discursiva foi estruturada a partir do revezamento de sequências utilizadas para produzir a ideia do que era retratado pelos moradores; sequências para cobrir uma ação; para introduzir um cenário, como é o caso das filmagens realizadas na praça central do bairro e sequências que apresentam novos personagens, os entrevistados.

Por fim, o último momento proposto refere-se ao retorno da pesquisa para o bairro, assim como pretende a pesquisa-ação. Após a edição do trabalho, houve a apresentação do produto final em um momento de estreia do documentário no Jardim Nicéia, que aconteceu na tarde do dia 8 de dezembro de 2018.

Período	Atividade
Março/Abril	Definição do orientador e pesquisa bibliográfica
Maio/Junho	Leitura da bibliografia
Julho/Agosto	Realização das entrevistas
Setembro/Outubro	Término das leituras e seleção e edição das cenas
Outubro	Edição do documentário e produção do relatório
Novembro	Entrega do produto e do relatório para a banca
Dezembro	Apresentação do trabalho / Estreia do documentário no bairro

Tabela 1: Cronograma de atividades desenvolvidas.

4.2. Descrição técnica

Para concretizar esse trabalho, foram utilizados os seguintes equipamentos tecnológicos: câmera fotográfica Canon EOS Rebel T5i com uma lente de variação 18-55mm

e um tripé para a filmagem das entrevistas, cenas e apresentações musicais no bairro. A captação de áudio foi feita pelo microfone da própria câmera e por meio de um celular para obter um arquivo reserva. Para a edição do documentário, houve a utilização do software Adobe Premiere CC, versão 2018.

4.3. Descrição do produto

O produto final consiste em um documentário de 41 minutos que tem uma narrativa limpa, sem as perguntas realizadas pelo entrevistador, já que o intuito é que os moradores contem a história. A única exceção é feita na entrevista realizada pelo morador Fernando de Abreu e Silva, uma vez que o objetivo é explicitar os questionamentos dele ao secretário de cultura da cidade de Bauru. Cada um dos blocos – apresentação do problema, como é o lazer no bairro, incentivos e saídas encontradas pelos moradores – dura em média 10 minutos.

Bloco	Minutagem
Apresentação do problema	00:00 – 08:52
Como é o lazer	08:53 – 16:41
Incentivos	16:42 – 26:31
Saídas encontradas pelos moradores	26:32 – 40:46

Tabela 2: Minutagem dos blocos do documentário

Por variar entre cenas de apresentações, *inserts* do Jardim Nicéia e as entrevistas, a produção acaba tendo uma estrutura dinâmica que muda constantemente. A manipulação do tempo, nesse caso, se dá pela imprevisibilidade. Cada um dos blocos é dividido por uma passagem de imagem em *fade-out*, que é diferente das outras transições realizadas durante o resto do filme.

“Emoldurado por um tempo histórico, o tratamento do tempo narrativo do documentário segue padrões muitas vezes similares aos de um filme de ficção. A manipulação do tempo pelo discurso pode servir para criar interesse narrativo no filme por via do suspense, exposição retardada de informações necessárias, e da surpresa, exposição, em choque, de informações sem prévia preparação”. (PUCCINI, 2010, p.48)

Por ser uma produção colaborativa, a trilha sonora do documentário é de autoria de um dos moradores da comunidade, Rafael da Silva Fernandes, que canta a letra de *Basta acreditar*. Os conteúdos disponibilizados para a composição do produto foram compartilhados via WhatsApp. Portanto, dentre as músicas que foram enviadas, escolhi a que transmitia mais sintonia com o conteúdo dessa produção audiovisual.

Um dos cuidados necessários para essa produção foi a não utilização de entrevistas com crianças, já que, para isso, seria necessária a autorização dos pais que, muitas vezes, não gostam que os filhos apareçam em produções audiovisuais referentes ao bairro. Consequentemente, todos os entrevistados autorizaram o uso de imagem e som das filmagens realizadas.

O nome do produto audiovisual, *A Favela Inspira*, foi repensado inúmeras vezes. Embora tenha sido uma das falas mais marcantes dita pelo morador Luis Henrique, houve a preocupação de que o emprego da palavra “favela” soasse como pejorativo. Outro ponto é que a utilização do termo poderia ser problemática se empregada por mim, que não faço parte desse contexto e dessa realidade. Entretanto, essa é a fala de um dos moradores e, consequentemente, enfatiza como o bairro se identifica, além, é claro, de marcar o nome como de autoria deles também.

Já a identidade visual do projeto busca trazer elementos do pixo para representar a cultura local, que pode ser relacionada à cultura hip hop e ao grafite. As fontes utilizadas no logo do nome buscam remeter a essa ideia: tanto a união do rap, ao grafite e à palavra favela, com fonte *Fucking Tag Font*; como a inspiração trazida por esse contexto e materializada na fonte *Black Streamer*.

O GC do documentário se fortalece na mesma ideia do logo. A utilização da fonte *Laksoner* remete ao pixo e a *Frutiger CE 46 Light Italic* na segunda linha procura dar um equilíbrio entre elas. Outra ideia sustentada na apresentação do GC é a de valorizar como os moradores se chamam entre si, ou até mesmo como eles se referem às autoridades. Durante as entrevistas e o período de aproximação, pude perceber que a importância no momento de se referir ao prefeito ou ao secretário de cultura tem um peso devido ao título de cada um deles. O nome, tanto do Gazzetta, como do Luiz Antônio, não é prioridade para os moradores. Por isso, o foco do GC é apresentar o apelido do morador ou o cargo do entrevistado.

5. Considerações finais

O documentário *A Favela Inspira* surgiu da sensibilidade acerca da falta de acesso e incentivo à produção cultural no Jardim Nicéia, bairro periférico da cidade de Bauru. Portanto, esse produto é a tentativa de denunciar e, ao mesmo tempo, dar visibilidade para a identidade cultural do bairro de uma forma que eles sejam percebidos e vistos.

A partir dos estudos bibliográficos realizados para a execução desse projeto experimental, pude compreender uma base teórica sobre a produção audiovisual colaborativa. Embora a participação dos moradores da comunidade fosse esperada de uma forma muito mais idealizada, acredito que o objetivo do trabalho foi alcançado, uma vez que as pessoas que moram no bairro dialogaram comigo em todas as etapas de produção.

Embora a entrevista com o prefeito e com o secretário de cultura não tenham sido encaminhativas ao ponto de trazer um retorno imediato à população, ou até mesmo ao ponto de trazer respostas efetivas, houve uma interação dos moradores do Jardim Nicéia com as instâncias governamentais. Essa relação por si só acaba sendo emancipatória quando se trata da posição dessa comunidade.

Apesar das dificuldades técnicas a respeito da falta de equipamento e estrutura para a realização desse vídeo documentário, espero que os objetivos estabelecidos tenham sido cumpridos. Acredito que, como já pontuado, a questão estética não seja o primordial nessa proposta do produto experimental, mas, sim, o alcance da mobilização social da comunidade através desse trabalho.

A composição dessa narrativa significou, sobretudo, a possibilidade de fazer uma realidade ser notada, seja pelos próprios membros dessa vivência ou por novos olhares. Além disso, é com muita satisfação que observo meu aprendizado ao longo dessa caminhada, seja dos quatro anos de graduação, ou do processo de produção desse projeto.

A Favela Inspira apresenta uma cultura que nem sempre é valorizada e, principalmente, enfatiza que o senso crítico e criativo existe, também, nas comunidades periféricas, como é o caso do Jardim Nicéia. Tal fato evidencia a falta que o incentivo à cultura faz, uma vez que os próprios moradores têm noção do valor que a periferia reúne. Cada passo desse trabalho deixa evidente que o Nicéia inspira!

6. Bibliografia

ARAÚJO, Mauro Luciano de. **A espessura do imaginário no documentário**: a imagem e a ideologia. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/araujo-mauro-espessura-do-imaginario-no-documentario.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

ARCANJO, Daniela et al. **Voz do Nicéia**: Moradores do Jardim Nicéia aguardam regularização do bairro. Disponível em: <<https://vozdoniceia.wordpress.com/2015/07/13/moradores-do-jardim-niceia-aguardam-regularizacao-do-bairro-parte-ii/>>. Acesso em: 26 mar. 2019.

CORREIA, João Carlos. **Comunicação e política**. Covilhã: Serviços Gráficos da Universidade da Beira Interior, 2005.

FREIRE, Marcius; LOURDOU, Philippe. **Descrever o visível**: Cinema documentário e antropologia fílmica. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2009.

LIMA, Luciana Leite; D'ASCENZI, Luciano. **Implementação de políticas públicas: perspectivas analíticas**: 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v21n48/a06v21n48.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Filmar o real**: Sobre o documentário brasileiro contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5. ed. Campinas: Papirus Editora, 2010.

PERUZZO, Cecília Maria Krohling. **Observação participante e pesquisa-ação**. In: Jorge Duarte e Antonio Barros. Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005, v. 1, p. 125-145.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. **Cidade e cidadania: inclusão urbana e justiça social**. 2004. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252004000200020>. Acesso em: 20 jun. 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do Pensamento Abissal**: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. Revista Crítica de Ciências Sociais, v. 78, p. 3-6, 2007 5.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Epistemologia do Sul num mundo fora do mapa**. Sociologias. Porto Alegre, ano 18, no 43, set/dez 2016, p. 14-23.

SANTOS, Marcelo Moreira. **A autoria colaborativa no cinema:** sobre direções, métodos e ideais. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/santos-marcelo-2013-autoria-colaborativa-cinema.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário:** Da pré-produção à pós-produção. 2. ed. São Paulo: Papirus Editora, 2010.

ZANDONADE, Vanessa; FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social.** 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

7. Filmografia

BRANCO sai, preto fica. Direção de Adirley Queirós. 2014. P&B.

LEVA. Direção de Luiza Marques. 2011. P&B.

NELSON Freire. Direção de João Salles. 2003. P&B.

O PRISIONEIRO da grade de ferro. Direção de Paulo Sacramento. 2003. P&B.

ÔNIBUS 174. Direção de José Padilha. 2002. P&B.

8. Anexos

Autorização de uso de imagem

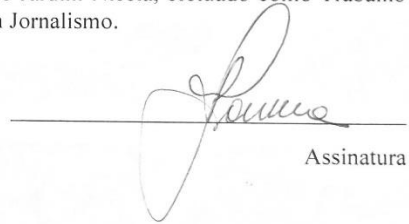
Eu, Marcia Tezzone A Silva,
autorizo a utilização da entrevista concedida a Gabriela Silva de Carvalho para a produção
do seu documentário sobre acesso à cultura no Jardim Nicéia, efetuado como Trabalho
de Conclusão de Curso para sua graduação em Jornalismo.



Assinatura

Autorização de uso de imagem

Eu, Luiz Antonio Tondello,
autorizo a utilização da entrevista concedida a Gabriela Silva de Carvalho para a produção
do seu documentário sobre acesso à cultura no Jardim Nicéia, efetuado como Trabalho
de Conclusão de Curso para sua graduação em Jornalismo.



Assinatura

Autorização de uso de imagem

Eu, Luiz Henrique de Silva Ignácio Júnior,
autorizo a utilização da entrevista concedida a Gabriela Silva de Carvalho para a produção
do seu documentário sobre acesso à cultura no Jardim Nicéia, efetuado como Trabalho
de Conclusão de Curso para sua graduação em Jornalismo.



Assinatura

Autorização de uso de imagem

Eu, João Paulo de Almeida Silva,
 autorizo a utilização da entrevista concedida a Gabriela Silva de Carvalho para a produção
 do seu documentário sobre acesso à cultura no Jardim Nicéia, efetuado como Trabalho
 de Conclusão de Curso para sua graduação em Jornalismo.

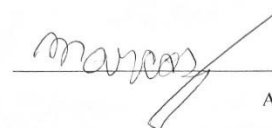


Assinatura

Eu Rafael do Silva Mendes
 autorizo minha imagem
 para produção do documentário
 de conclusão de curso
 feito pelo aluno Gabriel Silva
 Rafael do Silva Mendes

Autorização de uso de imagem

Eu, marcos vinicius da Silva,
 autorizo a utilização da entrevista concedida a Gabriela Silva de Carvalho para a produção
 do seu documentário sobre acesso à cultura no Jardim Nicéia, efetuado como Trabalho
 de Conclusão de Curso para sua graduação em Jornalismo.



Assinatura